

**MULHERES VESTIDAS**  
**MARIA ALCINA, MULHER E CANTORA EM TEMPOS DE CENSURA**

FERREIRA, Maira Prata Alves<sup>1</sup>  
BONIZOL FERRARI, Fernanda<sup>2</sup>

**RESUMO**

O tema proposto para este projeto, objeto de estudo do Grupo de Estudos Mulheres Vestidas, vincula-se à linha de pesquisa Roupas Memória, do curso de Graduação Tecnológica em Design de Moda, do Centro Universitário Uniacademia, e pretende analisar a relação estabelecida entre a construção da imagem e da subjetividade do indivíduo e as escolhas de vestuário como instrumento de linguagem entre o sujeito e o mundo. Essa abordagem pretende ser feita pelo viés da moda e trata, em especial, da estigmatização aos quais figuras femininas são submetidas levando em conta justamente essas escolhas. Maria Alcina, cantora brasileira em atuação, é um exemplo claro desse tipo de relação: suas roupas e comportamento, por muito, foram consideradas extravagantes, ousadas e inadequadas. No entanto, mais que uma mera escolha de moda, a cantora sempre fez uso dessa característica como um instrumento de comunicação não verbal, um reflexo externo de uma personalidade inquieta, livre e vanguardista.

**Palavras-chave: DESIGN. MODA. MARIA ALCINA**

---

<sup>1</sup> Designer de moda, aluna egressa do Curso de Tecnologia em Design de Moda do Centro Universitário Uniacademia. E-mail: mairaprata@hotmail.com

<sup>2</sup> Docente do Curso de Tecnologia em Design de Moda do Centro Universitário Uniacademia. Coordenadora do projeto. E-mail: fernandaferrari@uniacademia.edu.br; bonizolferrari@gmail.com

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho decorre da experiência advinda do grupo de estudos “Mulheres Vestidas” e pretende analisar a relação estabelecida entre a construção da imagem e da subjetividade do indivíduo e as escolhas de vestuário como instrumento de linguagem entre o sujeito e o mundo. Essa abordagem pretende ser feita pelo viés da moda e trata, em especial, da estigmatização aos quais figuras femininas são submetidas levando em conta justamente essas escolhas.

Inicialmente, o projeto Mulheres Vestidas apresentou Patrícia Galvão, a Pagu, como tema de análise. No entanto, pouco tempo após iniciadas as pesquisas, a professora-orientadora foi procurada por uma ex-aluna da instituição, que havia apresentado seu Trabalho de Conclusão de Curso (2020) sobre a cantora Maria Alcina, com o intuito de dar prosseguimento à pesquisa. Nesse sentido, lhe foi proposto que trouxesse seu tema para o grupo de estudos para que o trabalho pudesse ser aprofundado e, após entrar em contato com o Centro de Pesquisa e Extensão, ela foi autorizada a ingressar na pesquisa como voluntária. Assim, o tema central da pesquisa deixa de ser Patrícia Galvão e passa a ser Maria Alcina, mantendo a mesma linha de pesquisa e questão central a ser discutida: a relação estabelecida entre a construção da imagem e da subjetividade do indivíduo e as escolhas de vestuário como instrumento de linguagem entre o sujeito e o mundo.

Assim, o objeto da pesquisa que se pretende desenvolver no Grupo de Estudos Mulheres Vestidas parte da estreita relação estabelecida entre a construção da subjetividade do indivíduo e as escolhas de vestuário como instrumento de linguagem entre o sujeito e o mundo. Essa abordagem feita pelo viés da moda trata, em especial, da estigmatização aos quais figuras femininas são submetidas levando em conta justamente essas escolhas.

Quanto a metodologia adotada, as pesquisas bibliográficas e metodologias qualitativas (entrevista) serão a base para a abordagem do tema proposto. No que tange o levantamento bibliográfico, Elizabeth Wilsom (1985), Zuza Homem de Mello (2003) e Thiago Souza (2010), entre outros, servirão de base para a construção do referencial teórico e análise do tema abordado.

O estudo de seu vestuário se mostra um tema bastante rico e em convergência com outros campos do conhecimento para uma análise histórica e crítica da moda. A pesquisa acerca do seu vestuário se mostra diretamente ligada a seu posicionamento

artístico, estético e cultural, ampliando a reflexão sobre as influências modernistas, especialmente na cidade de Cataguases, local de nascimento e berço da formação artística da cantora. Para além da materialidade de suas roupas, suas escolhas de moda reportam à completa subversão da construção da identidade de gênero feminino pautado no binômio aparência/comportamento adequados e esperados das mulheres em um dado período. Maria Alcina é um exemplo claro desse tipo de relação: suas roupas e comportamento, por muito, foram consideradas inadequados. No entanto, mais que uma mera escolha de moda, a cantora sempre fez uso dessa característica como um instrumento de resistência não verbal, um reflexo externo de uma personalidade inquieta, livre e vanguardista.

## **2. MARIA ALCINA: MULHER E CANTORA**

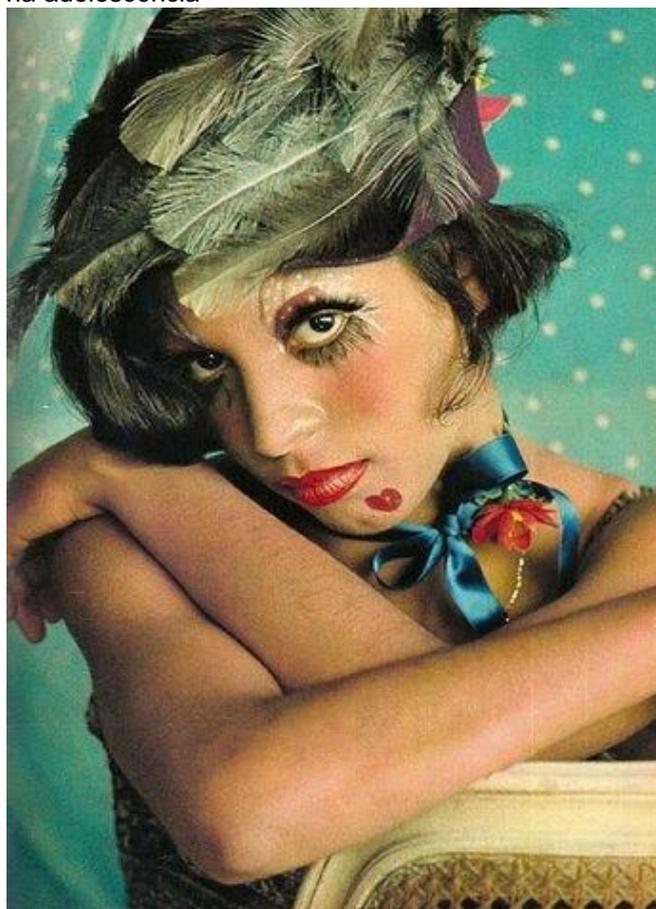
Os estudos que apresentam Maria Alcina como tema central estão concentrados, preponderantemente, nas linhas de pesquisa que analisam sua atuação na música, em especial nos festivais de música ocorridos na metade do século XX. E estes ainda são escassos. Mesmo se tratando de uma cantora ainda em atuação, os mais recentes estudos ainda se concentram em intersecções entre a tv. e a música. Quanto à proposta aqui apresentada, estudos que tenham como ponto de partida a relação entre o vestuário de Maria Alcina, os movimentos artísticos e os acontecimentos sociais e culturais naquele dado momento são bastante superficiais e, o único que realmente se concentra nesse objetivo, é o Trabalho de Conclusão de Curso da egressa do curso Maira Prata Ferreira (2020) e integrante desse grupo que serve de ponto de partida para a pesquisa proposta.

### **2.1 DE CATAGUASES PARA O FESTIVAL INTERNACIONAL DA CANÇÃO**

Maria Alcina Leite, nasceu em Cataguases abril de 1949. Segundo FERREIRA e BONIZOL FERRARI (2020), e foi por volta dos 15 anos que, ao assistir a uma peça de teatro, decidiu seguir de vez o caminho das artes. “Uma vez vi um grupo de teatro e eles estavam fazendo uma coisa tão bonita que pensei: é isso que eu quero fazer. [...] Quero cantar, dançar, fazer tudo” (LEITE, 2003, p. 13). No entanto, sua origem humilde não lhe permitia, ainda, viver da arte. Trabalhava como operária na fábrica da cidade e complementava a remuneração fazendo faxinas nos finais de

semana. Nesses momentos, Maria Alcina conta que “[...] sempre procurava as casas que tinham rádio. E ouvia Orlando Silva, Anísio Silva, Nelson Gonçalves, Altemar Dutra” (ibid, p. 14).

**Figura 1:** Maria Alcina na adolescência



Fonte: PRATA, 2020.

O caminho Ihe foi aberto por Joaquim Branco, escritor peças de teatro e literato, Ihe deu a primeira oportunidade em um papel que abarcava interpretação, o canto e a dança. Paralelamente, apresenta-se como intérprete em todos os lugares nos quais tinha oportunidade, de bares ao coral da igreja como intérprete. Segundo Mello (2003), foi em 1969 que Joaquim Branco organiza o 1º Festival Audiovisual de Cataguases. Nelson Motta, Antônio Adolfo, Torquato Neto, o Grupo Mercado e Jards Macalé: nomes de peso no cenário musical da época e que compuseram o corpo de jurados. Convidada a participar, ela ganha seu primeiro prêmio, artista revelação no festival.

“Foi um negócio revolucionário na época. Foi uma coisa! Foi um festival que entrou para a história.” (LEITE, 2003, p. 11).

Em 1972 ela é convidada para ir ao Rio de Janeiro gravar a trilha do filme *O Anunciador, o Homem das Tormentas*, de Paulo Bastos, cidade onde passa a residir. Cantando em bares e casas noturnas, além de atuar, foi quando Mauro Furtado, proprietário do Bar Number One em Ipanema, contratou-a como crooner. Segundo Mello (2003), ao ouvi-la cantar julgou ser a voz de um homem e foi justamente sua voz exótica e a extravagância de suas performances, que a fez logo ser promovida à atração principal da casa.

Maria Alcina rompia com a estética de então através de sua voz gutural varonil, da maquiagem extravagante, das roupas irreverentes, compondo, com sua figura que lembrava Josephine Baker, uma divertida mise-en-scène recheada de passos, saltos e coices surpreendentes que não se enquadravam em coreografia alguma (MELLO, 2003, p. 159).

Em entrevista ao jornal *O Povo*, ela relata que, para se destacar nos shows que fazia na boate Number One, famosa no Rio de Janeiro na década de 1970, era preciso estar à altura dos seus frequentadores.

Como o local era frequentado por pessoas que ela considerava chiques, somente o uso de uma roupa igualmente chique não a destacaria. “A voz chamava atenção, eu era muito magrinha e com roupas muito diferentes. Fui descobrindo que o palco é um lugar para se ter fantasia” (O POVO, 2019).

**Figura 2:** Roupa escolhida por Maria Alcina para suas apresentações



Fonte: Jornal O Povo e Instagram da cantora, 2020.

Entre as décadas de 1960 e 1980, as emissoras de TV realizaram grandes festivais de música<sup>3</sup>, consolidando a carreira de diversos compositores e intérpretes, entre eles, Maria Alcina. A última edição da FIC ocorreu nos dias 16 e 17 de setembro 1972, ano esse em que, a convite de Solano Ribeiro, ela interpreta Fio Maravilha, de Jorge Benjor, em uma edição marcada por polêmicas.

Ao longo das sete edições do FIC, toda essa repressão política e divergência de pensamentos decorrentes da Ditadura Militar provocaram uma série de embates e festivais passaram, então, a se desgastar desde 1970. “A premiação das vencedoras, ao longo dos anos, apresentou critérios de escolhas diferentes” (SOUZA, 2010, p. 373), atendendo aos interesses do governo e da indústria cultural do momento: privilegiar as canções com maior capacidade comunicativa e potencial para se tornar sucesso mundial.

---

<sup>3</sup> Outros festivais de TV foram realizados por outras emissoras, na maior parte das vezes, com edições anuais. Entre eles, podemos citar o Festival de Música Popular Brasileira pela TV Record entre 1960 e 1969; o Festival Internacional da Canção pela TV Globo, entre 1966 e 1972; o Festival Nacional de Música Popular Brasileira pela TV Excelsior, nos anos 1965 e 1966; a Bienal do Samba pela TV Record, entre 1968 e 1971; MPB Shell pela TV Globo, entre 1980 e 1982 (MELLO, 2003)

Lançar Maria Alcina era um plano pré-estabelecido pela Rede Globo, pois, como revelou Solano Ribeiro, a cantora seria lançada no programa do Moacyr Franco, meses antes do FIC. Mas visando a capacidade de projeção do festival, a emissora e a organização do evento decidiram apresentá-la como “um fenômeno” no Festival Internacional da Canção (SOUZA, 2010, p. 372).

Apesar das diversas polêmicas que sua participação suscitou, Maria Alcina, que já era uma cantora conhecida, recebeu um reconhecimento em todo o Brasil. Segundo Santiago (2014), mesmo com toda a manipulação que envolveu a sua vitória na última edição do FIC, a cantora sempre teve um grande compromisso com a tradição da melhor música popular-comercial feita no Brasil, deixando seu nome marcado na história da música nacional.

[...] em 1972 foi minha aparição no FESTIVAL INTERNACIONAL DE MUSICA, que marcou e inovou a música. Com voz rouca e dançando diferente de todos na da época, levei ao delírio a plateia, ao som de Fio Maravilha (LEITE, 2014).

Além dessa competência, a cantora é reconhecida pela sua aparência excêntrica e performances marcantes, nunca mais esquecidas. Nesse sentido, sua relação com a moda se faz fundamental para alcançar tais objetivos. Antes mesmo de alcançar a fama depois de sua vitória no FIC, Maria Alcina prezava pela extravagância em suas apresentações (Figura 2).

Assim, na primeira eliminatória do FIC não seria diferente, e Maria Alcina usou toda sua exuberância para ganhar a atenção do público. Segundo Mello (2003), a maioria dos participantes tentava caprichar no figurino com cores e detalhes vistosos para fazer jus às cores da televisão, apesar do controle imposto pelo governo da época.

Como nos anos anteriores, um agente nosso ficará bem atrás da boca do palco. Quero avisar vocês que qualquer cantora com decote avantajado não vai poder entrar no palco. Os decotes do ano passado não serão mais permitidos. [...] Esse é o primeiro ano que o festival vai ser apresentado em cores, e um decote avantajado em cores é muito mais imoral que um decote avantajado em preto-e-branco. João Luiz, Solano e o assistente tiveram que se conter para não cair na gargalhada nos vetustos porões do Palácio do Catete (MELLO, 2003, p. 156).

Mesmo diante dessa ameaça, a cantora escolheu trajes bastante inusitados para a apresentação (figura 3). Ao invés de investir em apenas decotes, apresentava verdadeiras fantasias.

**Figura 3:** Maria Alcina no VII Festival Internacional de Música, 1972



Fonte: Banco de dados Pinterest, 2020.

Segundo a descrição de Mello (2003), na primeira eliminatória, ela usou um traje indígena estilizado. Na segunda apresentação, ela pareceu vestida com uma fantasia de odalisca: um conjunto de top justo e uma calça esvoaçante nas pernas e de nós bordados em paetês rosa e vermelho. Sem medo da censura, ela apareceu vestida de forma sensual e ousada, disposta a conquistar quem assistisse a ela.

## 2.1 MINHA ROUPA ÉDEBOCHE

Essa imagem de irreverência estética que permeou a imagem de Maria Alcina pode ser lida de diversas formas. Se, por um lado, a imagem excêntrica, extremamente carismática, espontânea e desinibida que a cantora construiu pode ser lida como um reforço ao estereótipo de sensualidade, bom humor e a alegria carnavalesca associada à brasilidade, por outro “reforça o compromisso com a tradição da melhor música popular-comercial feita no Brasil [...] o júbilo pós-tropicalista do qual a cantora é símbolo alto” (SANTIAGO, 2014, p. 104).

Por muitas vezes, a sexualidade de Alcina foi o centro das atenções. Em entrevista à Revista Carta Capital, ela relata o que se segue: “até hoje me perguntam se sou travesti” (PAVAN, 2004). Durante toda a sua carreira, Alcina explorou a ambiguidade de gênero e foi comparada a Ney Matogrosso, seu contemporâneo.

Esta estratégia para se destacar, inclusive, nunca foi mantida em segredo. Logo após vencer o festival, uma entrevista publicada na revista Manchete traz como título da reportagem: a minha roupa é deboche.

Figura 4: Entrevistas de Maria Alcina, 1972



FONTE: Revista Amiga, 1972 e Instagram da cantora, 2020

Ainda ao falar sobre suas escolhas de vestuário, Maria Alcina separa claramente a cantora da sua pessoa. A cantora considerada excêntrica que ganhava a atenção do público era uma personagem, construída e incorporada para aquela apresentação. Fora dos palcos e dos grandes concursos de música, Maria Alcina ainda se sentia como a menina de dezessete anos, saída do interior de Minas Gerais, que usava camiseta, tênis e calças jeans em seu trabalho na fábrica. A cantora expõe que, ainda que no começo da carreira, não se reconhecia ao olhar no espelho, mas aceitava aquela personagem que ganhava vida a cada figurino vestido, e resolve investir. “Eu tanto podia usar estas roupas como outra qualquer outra e continuaria sendo exatamente a mesma” (LEITE, 2014).

### 3. RELATO - O PRIMEIRO ENCONTRO

Diante da mudança de objeto central da pesquisa, o projeto Mulheres Vestidas precisou ser submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa do Uniacademia, uma vez que pretendia utilizar entrevistas em sua metodologia de trabalho. Assim, em 18 de outubro de 2021 o projeto foi aprovado e deu-se início a uma nova etapa de trabalho. No entanto, mesmo antes disso, Maria Alcina já sabia e fazia parte do projeto.

Logo que o trabalho foi apresentado, por meios de amigos e conhecidos da cidade de Cataguases, seus resultados chegaram à mão da cantora que iniciou um contato com Maira, pesquisadora desse grupo. Desde então, elas vinham mantendo contato por conversas e mensagens on-line, de forma informal, sem tratar do conteúdo efetivo dessa pesquisa.

Assim, a primeira viagem a Cataguases foi marcada. Antes mesmo do encontro com a cantora, foi Joaquim Branco, o organizador do primeiro festival de música em que Alcina se apresentou quem iríamos encontrar. Por ocasião, ele estava lançando um livro sobre a história da cidade e iríamos buscar. Como ele não sabia ao certo os termos da nossa pesquisa, nesse primeiro encontro, conversamos sobre o primeiro festival de música, a importância de Cataguases no cenário cultural do Brasil e sua relação com Maria Alcina. Nesse dia, ficou acertado um novo encontro, a ser marcado, para uma entrevista oficial.

**Figura 5:** Joaquim Branco



Fonte Das Auroras, 2021.

A conversa foi breve e partiu-se então para uma visita à cidade, conhecer de perto. Sua terra natal e berço de sua formação artística e primeiras portas que lhe foram abertas para esse mundo libertário que ela tanto almejava. Foi assim que, casualmente, encontramos a pessoa que havia levado o TCC para a cantora e ele nos conta ela, hoje residente em São Paulo, estava na cidade para um tratamento médico.

Era a grande chance: depois de anos de conversas a distância e isolamento por conta da pandemia, poderíamos nos conhecer. No entanto, uma visita sem avisar, inesperada e naquelas circunstâncias, não seria pertinente. Mais o papel de fãs que pesquisadoras, resolvemos passar pela porta da casa da cantora e, vimos uma pessoa na janela. Era a irmã da cantora que nos disse que ela estava lá e se queríamos que a chamássemos.

O encontro foi emocionante. Não há outra palavra que possa ser aqui melhor empregada. Mesmo receosas por conta da epidemia que ainda se faz presente, ela nos recebeu em sua casa nos dando a oportunidade conhece-la, em uma primeira conversa pessoal e íntima. As informações agora não mais chegavam pelas mãos de terceiros, mas com um olhar próprio, perguntas e respostas que tornaram a nossa primeira “entrevista” muito mais uma realização que uma etapa de um cronograma. Foi nesse momento que tivemos oportunidade de esclarecer melhor para o processo de construção da pesquisa: como ela acontece, seus propósitos, funções e importância. Mesmo já tendo lido o trabalho e tendo conhecido as pesquisadoras, uma pesquisa acadêmica ainda era um assunto muito distante e desconhecido para ela e essa primeira conversa foi fundamental para fortalecer as relações que já vinham sendo construídas e cercar de confiança e cumplicidade esse processo que se inicia.

Foi um momento de muita troca de afeto e emoção. Maria Alcina disse que não tinha essa visão sobre acerca do seu trabalho e saber que sua carreira era dotada de tanta importância e representatividade era um grande presente naquele momento tão delicado. Contou que ainda tem muitas das roupas que aparecem em entrevistas e fotos, inclusive, o figurino usado no primeiro Festival da canção. Passeamos por sua casa e pudemos compartilhar de suas fotografias preferidas, conhecer parte de eu acervo e trocar muitas experiências. A cumplicidade foi tamanha que ela se permitiu ser fotografada sem seus tradicionais figurinos, permitindo, inclusive, a publicação

dessas imagens. Era a primeira vez que isso acontecia e foi um momento, no mínimo, inesquecível.

**Figura 5:** Maria Alcina e as pesquisadoras no primeiro encontro presencial



Fonte Das Auroras, 2021.

Por não ser um encontro programado, dados dessa conversa ainda estão sendo analisados e uma entrevista formal foi marcada o mês de dezembro, assim como uma visita a sua residência oficial, em São Paulo, para conhecer todo o seu acervo. Assim, o projeto continua e promete resultados incríveis.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estudo sobre a carreira da cantora Maria Alcina mostra o quanto o seu percurso artístico é importante para a história da música popular brasileira e o quanto ela ainda se mantém escrevendo parte desta história. Entre idas e vindas, altos e baixos, foi uma carreira que se construiu de uma forma muito coerente. Tanto por seu repertório, quanto pela imagem construída, Maria Alcina não se propôs a agradar ao público, mas sim atuar em contexto artístico que ultrapassa o de intérprete de grandes

autores. Maria Alcina se fez uma artista completa, como ela mesmo disse, “quero cantar, dançar, fazer tudo” e assim, o faz, até hoje.

Nesse sentido, o presente projeto se de grande relevância nos estudos que investigam história e moda em seus movimentos de reflexão e produção embasados em processos e interpretações sociais e artísticos. Para além da análise histórica, o estudo acerca de Maria Alcina, se mostra de grande pertinência em um momento em que estudos sobre gênero chegam à tona e apontam para a urgência na discussão do tema.

Assim, esses são apontamentos iniciais sobre um estudo que permanecerá no próximo ano, com a certeza de resultados positivos e uma enorme contribuição ao campo acadêmico.

## Technical Collection of Clothing

### The cataloging of clothing items in collections of fashion schools

#### ABSTRACT

The theme proposed for this project, object of study by the Women Dressed Study Group, is linked to the research line Clothes Memória, from the Technological Graduate course in Fashion Design, at the Uniacademia University Center, and intends to analyze the relationship established between the construction of the individual's image and subjectivity and clothing choices as a language instrument between the subject and the world. This approach intends to be taken from the fashion point of view and deals, in particular, with the stigmatization to which female figures are subjected, taking precisely these choices into account. Maria Alcina, an acting Brazilian singer, is a clear example of this type of relationship: her clothes and behavior, for a long time, were considered extravagant, daring and inadequate. However, more than a mere fashion choice, the singer has always used this characteristic as an instrument of non-verbal communication, an external reflection of a restless, free and avant-garde personality.

**Keywords:** .DESIGN. FASHION. MARIA ALCINA

#### REFERÊNCIAS

ALCINA: a minha roupa é um deboche. **Revista Amiga TV Tudo**, Rio de Janeiro, n. 127, 24 out. 1972.

COUTINHO, Eduardo Granja. **Velhas histórias, memórias futuras**: o sentido da tradição na obra de Paulinho da Viola. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

CULTURA EM CASA **Festival online de música e cultura**. Disponível em <https://culturaemcasa.com.br/video/eddy-02-06-quarta/> Acesso em 08 jun. 2020

ENCICLOÉDIA ITAÚ CULTURAL. **Maria Alcina**. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa2368/maria-alcina>>. Acesso em: 08 jun. 2020.

EM ENTREVISTA exclusiva, Maria Alcina fala de palco, música e fantasia **O Povo** Fortaleza: 25 abr. 2019. Disponível em: [https://www.opovo.com.br/jornal/vida\\_e\\_arte/2019/04/19/em-entrevista-exclusiva--maria-alcina-fala-de-palco--musica-e-fantasia.html](https://www.opovo.com.br/jornal/vida_e_arte/2019/04/19/em-entrevista-exclusiva--maria-alcina-fala-de-palco--musica-e-fantasia.html) Acesso em: 08 jun. 2020.

LEITE, Maria Alcina. **Maria Alcina Leite**: entrevista [abr. 2003]. Entrevistador: Dafne Sampaio. São Paulo, 2008. Entrevista concedida ao site Gafieiras.com.br Disponível em: <https://docplayer.com.br/13517213-Maria-alcina-gafieiras-com-br-mais-que-entrevistas-grandes-grandes-entrevistas.html> Acesso em: 22 mar. 2020.

\_\_\_\_\_. **Maria Alcina Leite**: entrevista [out. 2014]. Entrevistador: Danilo Dentili. São Paulo, 2014. Entrevista concedida ao Programa The Noite Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dRCPwiKcwD8>. Acesso em: 8 jun. 2020.

\_\_\_\_\_. **Postagem em redes sociais**. São Paulo: 20 abr. 2018. Instagram: marialacinaoficial. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BhzKYhfhi1u/?igshid=umwzs6if68v>. Acesso em: 9 jun. 2020.

MELLO, Frederico Pernambucano de. **Estrelas de couro**. A estética do cangaço. São Paulo: Escrituras, 2015.

MELLO, Zuza. **A Era dos Festivais**. Uma Parábola. São Paulo: Editora 34, 2003.

MEMÓRIA GLOBO. **Festival Internacional da Canção**. Rio de Janeiro: 2020. Disponível em <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/musicais-e-shows/festival-internacional-da-cancao/> Acesso em 08 jun. 2020.

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira**. Cultura Brasileira e Indústria Cultural. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1994.

PAVAN, Alexandre. **Sempre atrevida**. Carta Capital, São Paulo, n. 276, 04 fev. 2004.

SANTHIAGO, Ricardo. Vidas em canções e outras notas sobre cultura autobiográfica. **Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura** v. XXII, n. 27, jan–jun. 2014. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/8645771> Acesso em 09 jun. 2020.

SOUZA, Thiago. **Milhões de emoções pelo ar todo mundo a cantar**: Brasil e os Festivais Internacionais da Canção (1966-1972). Monografia do curso História - Universidade Tuiuti do Paraná. 2010